



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

Brenda Regina Braz Leite
João Paulo Campos Peixoto
Karina Ribeiro de Oliveira

Seminário 9: Literatura, cidade e arquitetura

CANDIDO, Antonio. **Dialética da malandragem**. In: CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. São Paulo: Duas cidades, 1993.

Trabalho apresentado à disciplina
AUH5867 – História da Arquitetura e da Cidade:
Teoria e Método

São Paulo, SP
2020

1. Apresentação do autor: Antonio Candido de Mello e Souza

Se me perguntassem o que sou essencialmente, eu diria, grifando, que sou “professor”. Ensinei sociologia, ensinei literatura, mas antes de ser professor disso ou daquilo, [...] sou visceralmente “professor”, grifado. Tenho gosto e vocação para transmitir aos outros o que sei. Esta foi a tarefa que sempre me atribuí. Tenho grande prazer em dar aulas [...] Repito: o que gosto mesmo é de dar aula. Se possível, sem ser interrompido...¹

Sociólogo de formação, crítico literário de profissão, visceralmente professor, e militante, Antonio Candido de Mello e Souza, autor de *A dialética da malandragem*, nasceu no Rio de Janeiro em 1918, mas foi sobretudo em São Paulo, que Candido construiu e desenvolveu sua carreira acadêmica, se conformando em um dos mais importantes intelectuais e críticos literários do país. A relação de Antonio Candido com a obra aqui analisada e com os caminhos profissionais por ele trilhados, começou muito antes de seu ingresso no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, em 1939. O crítico literário não se graduou em letras, entretanto, sua relação com a literatura o acompanha desde a infância, conforme relatou em uma entrevista: “Fui um devorador indiscriminado de livros desde os nove anos até depois dos sessenta, e creio que com isso acumulei muita informação, inclusive porque sempre fui leitor de compêndios, dicionários e enciclopédias.” (CANDIDO, 1992 apud RODRIGUES, 2011, p.18).

Membro de uma família tradicional, a leitura sempre foi uma constante na vida de Antonio Candido, que foi incentivado tanto pelo pai, médico, detentor de vasta biblioteca com livros de história, filosofia e literatura, e pela mãe, que o educou em casa, encarregando-se de sua iniciação letrada. Durante sua formação Antonio Candido teve contato com literaturas clássicas, como Shakespeare, Dickens e Baudelaire, os quais lia no original, e claro, com a literatura brasileira, tendo lido Oliveira Lima, Euclides da Cunha, entre outros autores nacionais, enquanto ainda estava no ensino fundamental. Quando adolescente, em 1934, com 16 anos, Candido passou a ler textos mais complexos, como *A História do socialismo e das lutas sociais* de Max Beer, *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre e *Evolução política do Brasil*, escrito por Caio Prado Jr. (RODRIGUES, 2001). A aproximação ainda jovem de Candido com essas temáticas políticas e marxistas o acompanharam durante toda sua vida política enquanto militante ativo.

¹ Trecho da entrevista dada por Antonio Candido a Gilberto Velho e Yonne Leite, em 2009, intitulada *Os vários mundos de um humanista*. Ver: CANDIDO, 2009 apud RODRIGUES, 2011, p. 28.

Foi sua relação intensa com a literatura, principalmente com a radicalização política pós Revolução de 1930 (JACKSON, 2009), que o levou para a sociologia, que despertou sua atenção para as classe sociais, ao mesmo tempo, em que esta - a literatura - se colocou como referência para Candido em sua compreensão de mundo:

Aqueles anos do decênio de 1930 viram um grande surto da narrativa brasileira, inclusive a revelação dos romancistas do Nordeste, alguns dos quais marcados por forte tônica social e, todos, apresentando uma visão inconformada da realidade. Orientado mentalmente pela impregnação de Max Beer, passei a ler de maneira por assim dizer socialista romances como *O quinze*, de Rachel de Queiroz; *Os Corumbas*, de Amando Fontes; *São Bernardo*, de Graciliano Ramos; *Banguê e Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego. O resultado foi que a literatura se tornou estímulo para ver o mundo à luz da opressão de classe, da injustiça social, da legitimidade da revolução.(CANDIDO, 1992 apud RODRIGUES, 2001, p. 23)

Em 1936 Antonio Candido se mudou para São Paulo com o objetivo de ingressar no curso preparatório para os estudos universitários no Colégio Universitário da USP, foi nesse momento que o autor passou a fazer parte da UDS - União Democrática Socialista, reforçando seus laços com a militância política. Em 1939 ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, - a pedido do pai - e, concomitantemente, no curso de Ciências Sociais, - o qual realmente lhe interessava - da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ambos da Universidade de São Paulo. Candido teve uma vida dedicada à literatura antes de começar a estudar Sociologia e, mesmo cursando Ciências Sociais, a literatura não deixou de fazer parte de seus interesses, assim, em 1941, foi convidado a colaborar na revista *Clima*, juntamente com Lourival Gomes Machado, Décio de Almeida Prado, Gilda de Moraes Rocha - que viria a ser sua esposa - entre outros. As relações de Candido entre cultura literária - construída durante toda sua vida - e a sociologia - caminho pelo qual ele começaria a enveredar - começaram a se estreitar cada vez mais durante a graduação:

[...] percebo que desde logo tive o pendor crítico, não apenas porque sempre gostei de ler os críticos, mas porque assumi instintivamente a atitude crítica. Dos doze aos quatorze anos eu fazia antologias próprias, em cadernos escolares: copiava trechos e depois compilava dados biográficos e apreciações sobre os autores. A partir dos quinze comecei a fazer as minhas próprias observações de leitura, enchendo cadernos, que já eram uns onze ou doze quando comecei a publicar, aos 23 anos. Creio que com isso é que pude dar conta da tarefa que

me atribuíram em *Clima*: sem perceber eu estava mais ou menos preparado. (CANDIDO, 2009 apud RODRIGUES, 2011, p. 33)

A revista *Clima* marcou a crítica literária e cultural paulistana, sendo a primeira experiência de Candido como crítico literário na imprensa, experiência que o levou, dois anos depois, a receber o convite da *Folha da Manhã* para assumir um rodapé literário neste que era um dos maiores jornais do país na época (RODRIGUES, 2011). Sobre seu trabalho na *Folha da manhã* Candido relatou:

Eu ensinava Português em ginásio, e era assistente na faculdade em tempo parcial, de Sociologia. [Mas o que] eu queria saber [era] de literatura. [Então] durante dois anos [escrevi um artigo por semana]. São 96 artigos. Agora, eu não vivia só para isso. [Para] sustentar minha família, dava aula na faculdade. [E ainda] militava politicamente, [porque] eu também estava lutando contra a ditadura do Estado Novo [e] fazia jornalzinho clandestino. Só a mocidade. Quando eu penso hoje no que eu fiz nesses anos eu não acredito, sinceramente, não acredito. (CANDIDO, 2009 apud RODRIGUES, 2001, p. 49)

O corpo docente da USP nos anos 1940 era majoritariamente estrangeiro, formado principalmente por intelectuais franceses, como Claude Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, Fernand Braudel, Roger Bastide, Jean Maugüé, Pierre Hourcade, professores inseridos em um projeto intelectual adotado pela Universidade de São Paulo, que se apoiou principalmente no modelo francês de ensino, buscando uma inovação do ensino universitário, voltada sobretudo ao pensamento crítico (RODRIGUES, 2011), na renovação deste, podendo tomar como exemplo Fernand Braudel, que pregava, entre outras coisas, a interdisciplinaridade entre as Ciências Sociais (BRAUDEL, 2011). Além dos franceses Candido também teve professores italianos como o poeta Giuseppe Ungaretti e o latinista Francesco Piccolo, e os portugueses Francisco Rabelo Gonçalves e Fidelino Figueiredo. A formação do autor foi assim extremamente calcada na mentalidade intelectual que vinha da Europa, orientada principalmente pelo marxismo, e pelo espírito crítico (RODRIGUES, 2011). Sobre isso o autor relatou:

Nas aulas, Ungaretti revelou o que significa o diálogo do pensamento e da sensibilidade com o texto. Mostrou como, ao toque do leitor capaz, surgem mundos que parecem brotar das entrelinhas, minar do vão das letras, deslizar das maiúsculas para as minúsculas como se uma fermentação incessante e contida esperasse o leitor escolhido. (CANDIDO, 2004 apud RODRIGUES, 2011, p. 26).

Antonio Candido abandonou o curso de Direito e, em 1942, se formou em Ciências Sociais, mesmo ano em que ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL/USP), como assistente de sociologia do professor Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia. Apenas três anos após sua formatura, em 1945, Candido obteve o título de livre docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Silvio Romero*, a qual apresentou no concurso para a cadeira de Literatura Brasileira na FFCL/USP, entretanto foi preterido, não conseguindo a cadeira de professor. Nesse mesmo ano, Antonio Candido recebeu a encomenda do editor José de Barros Martins de uma história da literatura brasileira em dois volumes, pedido que originaria em um de seus maiores trabalhos *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de 1959, obra que marcaria sua transferência institucional da sociologia para a literatura (JACKSON, 2009). Institucional porque literatura e sociologia nunca se separam na produção intelectual do autor.

Em 1954, quase dez anos depois e, ainda como professor de Sociologia, Antonio Candido obteve o título de doutor em Ciências Sociais com a tese *Os parceiros do Rio Bonito*, trabalho onde propôs uma interpretação da formação social do Brasil por meio do estudo do caipira, do homem rural brasileiro. A tese foi para Antonio Candido o “pagamento do tributo à sociologia” (RODRIGUES, 2001, p.30), se decidindo assim pelo mundo das Letras. Quando comunicou a decisão a seu professor, Fernando de Azevedo, obteve a seguinte resposta: “Antonio Candido não faça isso. Você está casado com a sociologia e tem uma bela amante, que é a literatura. Mas se fizer o contrário, e se casar com a literatura, você vai querer ser amante da sociologia” (CANDIDO, 1992 apud RODRIGUES, 2011. p. 30). E foi isso mesmo que aconteceu, a sociologia não deixou de fazer parte das críticas e análises literárias de Candido, assim como a literatura já era presente em seus estudos sociológicos. Tanto que, o ponto central da análise de Antonio Candido sobre *Memórias de um sargento de milícia*, publicado em 1970, explica-se através de aspectos sociais.

Assim, em 1958 Candido começou a lecionar Literatura brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis, no interior de São Paulo, e lá permaneceu até o final de 1960, voltando a lecionar na USP em 1961. O período em Assis foi crucial na produção intelectual de Antonio Candido, foi lá que o autor finalizou *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos 1750/1880*, inscrevendo-se na linhagem dos ensaios de interpretação do Brasil. Em *Formação*, o autor traçou uma historiografia da produção literária brasileira pensada através da noção de “sistema”, a qual é central na argumentação de Candido “e remete à dimensão social e histórica da literatura” (JACKSON, 2009, p. 272), portanto, ao apresentar esse sistema literário, o autor enxergava a

literatura “como fato social, objetivada no conjunto de obras produzidas num período de tempo relativamente largo.” (JACKSON, 2009, p. 273).

Se ater aos objetivo de Candido em *Formação* é essencial para compreender toda sua produção posterior. A obra em questão marcou não apenas a “escolha” de Candido pela literatura, mas também sua volta para a USP como professor de Teoria Literária, onde fundou o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas², em 1961. Nesta primeira metade da década de 1960 o autor lançou ainda outros trabalhos significativos como: *Vários Escritos* (1960), *A personagem de Ficção* (1963), *Tese e Antítese* (1964) e *Literatura e Sociedade* (1965).

Segundo Luiz Carlos Jackson, a orientação geral das análises realizadas por Candido em *Formação* propõe que:

“em certos casos a pesquisa deveria apoiar-se no estudo dos condicionantes sociais ou psíquicos envolvidos na “estruturação” do texto literário. Em outros, a análise poderia prescindir dessas dimensões e mover-se apenas no interior do texto, visando esclarecer as lógicas envolvidas em sua organização”. (JACKSON, 2009, p. 273-274)

Para Jackson *Formação* orientou as demais obras de Candido “pela ambição de realizar estudos ‘propriamente dialéticos’ sobre textos literários” (2009, p. 279). Portanto, esses dois acontecimentos atrelados - assumir a cátedra de Teoria Literária e Literatura Comparada e a publicação de *Formação da Literatura Brasileira* - marcaram grande parte dos escritos de Candido nas décadas de 1960 e 1970, momento de publicação de *Memórias de um sargento de Milícias*.

O autor ainda lecionou como professor convidado de Literatura Brasileira na Universidade Paris VIII (Sorbonne) entre 1964 e 1965, e em Yale no Estados Unidos, no ano de 1968, retornando para a FFLCH onde deu aula na graduação até sua aposentadoria em 1978, mas continuou orientando alunos em pesquisas e lecionando no curso de pós-graduação até 1992. Antonio Candido, portanto, esteve ligado à Universidade de São Paulo por meio século, construindo muito do que o curso de Letras, principalmente no que diz respeito aos estudos literários, é hoje.

² A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, (FFCL/USP) passou a ser chamada em 1969 de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), nome que permanece até hoje.

Em 1996 o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada passou a editar a revista *Literatura e Sociedade*³, nome que define muito do que foi a produção e contribuição intelectual de Antonio Candido, e da qual o autor participou do Conselho Científico até o ano de sua morte, em 2018. Após sua morte, como justa homenagem e símbolo de sua contribuição à Universidade e aos estudos literários brasileiros, o prédio do curso de Letras da USP foi batizado com seu nome, passando a se chamar Edifício Antonio Candido de Mello e Souza.

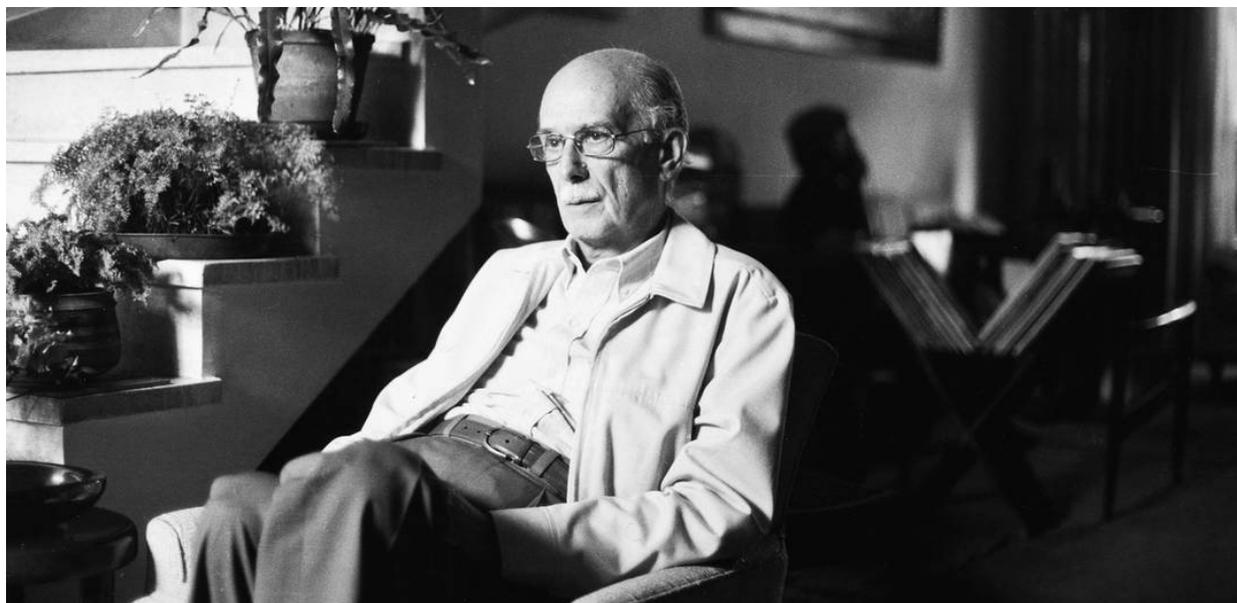


Figura 1: Antônio Candido. Fotografia: Guilherme Maranhão/Divulgação. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/exposicao-reune-documentos-do-acervo-pessoal-de-antonio-candido-22707414>> acesso em 18/06/2020>

2. O texto: *A dialética da malandragem*

2.1. Contexto e publicação

Inicialmente destinado a um livro em homenagem ao Professor João Cruz Costa jamais publicado, o texto *Dialética da malandragem* foi então lançado, no ano de 1970, na edição de nº 8 da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* da Universidade de São Paulo, sendo em seguida reproduzido numerosas vezes em outros meios, entre eles o livro *O discurso e a cidade*, de 1993, uma compilação de ensaios, em sua maioria divulgados em diferentes periódicos. Na obra, os textos se dividem em três partes organizadas tematicamente, intituladas: “o discurso e a cidade”, “quatro esperas” e “fora do esquadro”.

³ A edição de Número 30 da Revista *Literatura e Sociedade*, de 2019, intitulada *Antonio Candido e a Literatura* é inteira dedicada ao autor.

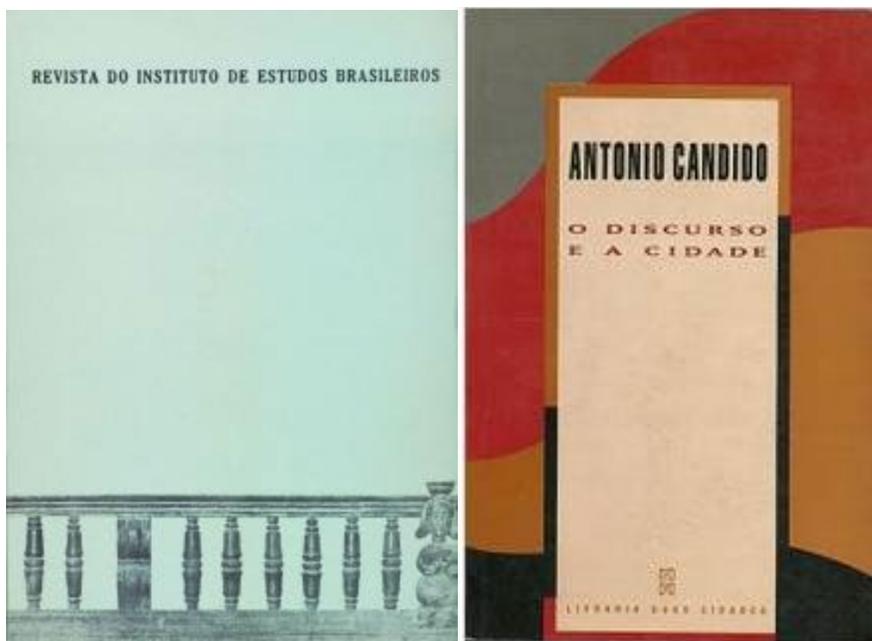


Figura 2: Capa da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, número 8. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/public/journals/57/cover_issue_5536_pt_BR.jpg> acesso em 18/06/2020>

Figura 3: Capa do livro *O discurso e a cidade* (CANDIDO, 1993, capa)

Os ensaios que compõem a primeira parte do livro, na qual se insere o texto estudado no presente seminário, buscam analisar o que o autor denomina “redução estrutural”, que traduz como “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária” (CANDIDO, 1993, p. 9). Abordando os textos *Memórias de um sargento de milícias*, *L’Assommoir*, *I Malavoglia* e *O cortiço*⁴, segundo o autor tributários de uma concepção realista, pretende analisar “o comportamento ou o modo de ser que se manifestam *dentro* do texto, porque foram criados nele a partir dos dados da realidade exterior” (CANDIDO, 1993, p. 10, *itálico do autor*). Com o fim de reproduzir a realidade, tais textos “inventam enredos inseridos em sociedades existentes, reconhecíveis por indícios que o leitor é capaz de conferir com os da realidade historicamente comprovada” (CANDIDO, 1993, p. 10).

A segunda parte do livro se dedicaria a obras menos “verdadeiras” – o poema *Esperando os bárbaros*, a narrativa *A construção da muralha da China* e os romances *O deserto dos tártaros* e *O litoral das Sirtes*⁵ – que buscariam transfigurar a realidade. No entanto, Candido observa que, embora tais textos teriam sido “capazes, tanto quanto os outros, de transmitir um profundo sentimento da vida” estes obedeceriam sobretudo à fantasia. Acerca de tais análises o autor conclui que “a capacidade que os textos possuem de convencer depende mais da sua organização própria que da referência ao mundo exterior” (CANDIDO, 1993, p. 11).

⁴ Escritos respectivamente por Manuel Antônio de Almeida, Émile Zola, Giovanni Verga e Aluísio Azevedo.

⁵ De autoria de Constantino Cavafis, Franz Kafka, Dino Buzzati e Julien Gracq.

Enquanto os textos explorados na primeira parte do livro seriam histórica e socialmente ancorados, aqueles escolhidos para a segunda parte teriam conexões com a realidade somente na medida indispensável para construir a inteligibilidade, se tratando de obras mais livres, se desligando da realidade documentária e criando mundos arbitrários, sem localização histórica nem geográfica precisa.

Dois tipos diferentes de análise seriam utilizados para as duas partes iniciais do livro. Na primeira, o autor teria objetivado localizar princípios estruturais na formação do texto. Na segunda, se dedicaria a descrições críticas “concentrando a atenção nos enunciados e mostrando o seu encadeamento”. Dando a primeira maneira um “maior destaque ao código e a segunda à mensagem” (CANDIDO, 1993, p. 13).

A variação de procedimento corresponde portanto ao intuito de destacar os dois níveis principais que definem a estrutura de um texto narrativo, sempre percorrido, como qualquer outro texto literário, pelas tensões de significados que estabelecem o seu equilíbrio instável.

Essas tensões derivam da relação dinâmica entre a camada ostensiva, organizada segundo a arte da escrita, e o subsolo do discurso, cuja investigação obseda diversas modalidades da crítica de nossa era. Tal investigação [...] corresponde a uma constante do espírito moderno: o desejo de explicar o aparente por meio do oculto. (CANDIDO, 1993, p. 14)

Por fim, os ensaios reunidos na terceira parte do livro abordam quatro poemas brasileiros.⁶ Desconexos uns dos outros, se referem a obras que teriam como traço comum afastarem-se das diretrizes predominantes de seu tempo: o primeiro abordando um texto escrito em 1790 por Sousa Caldas, que mistura prosa e verso e apresentaria livre atitude mental; o seguinte, tratando da “poesia do absurdo” praticada na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo na quadra romântica; o terceiro se dedicaria a um “soneto sádico” devido a Fontoura Xavier, datado de 1876; o último procuraria demonstrar de que maneira Mário de Andrade, como grande expoente do Modernismo, atingiu amadurecimento pelo recurso a um tipo de poema romântico escrito em versos regulares em meio à prática corrente do verso livre.

⁶ De autoria de Sousa Caldas, Bernardo Guimarães, Fontoura Xavier e Mário de Andrade.

2.2. Estruturação e tema do texto

Em *Dialética da malandragem*, Candido (1993) faz uma “crítica integradora” do livro *Memórias de um Sargento de Milícias* publicado por Manuel Antônio de Almeida em 1852. Por crítica integradora, entende-se

“[...] *mostrar* (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser.” (CANDIDO, 1993, p. 9)

A partir de tal crítica integradora, Candido (1993) analisa a obra de Manuel Antônio de Almeida em profundidade, “localizando princípios estruturais que regem a formação do texto a partir de suas camadas mais fundas e devem ser trazidos à luz clara da razão crítica” (CANDIDO, 1993, p. 13). Assim, o texto se estrutura a partir de uma breve introdução, em que o autor traz as abordagens anteriores feitas às mesmas *Memórias* que ele vem a discutir – produzidas por José Veríssimo em 1894, Mário de Andrade em 1941 e Darcy Damasceno em 1956. A partir dessa introdução, o trabalho se estrutura em cinco subtópicos: 1. *Romance picaresco*, 2. *Romance malandro*, 3. *Romance documentário?*, 4. *Romance representativo*, 5. *O mundo sem culpa*.

Antonio Candido caminha por esses subgêneros narrativos do romance, de modo a demonstrar que as *Memórias de um Sargento de Milícias* não se associam essencialmente a um “tipo” específico, mas carrega características de todos esses. Em *Romance picaresco*, Candido (1993) aponta as aproximações e distanciamentos entre os pícaros e Leonardo, o protagonista. Neste caso, as *Memórias* e o *romance picaresco* apresentam mais distanciamentos que aproximações – ainda que Leonardo tenha sido abandonado pelos pais, uma característica comum à narrativa picaresca.

Distanciando-se do pícaro espanhol, Leonardo poderia se enquadrar como “o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira” (CANDIDO, 1993, p. 25). Em *Romance malandro*, segundo subtópico, Antonio Candido explora as relações do romance com a figura do “malandro”, “comum a todos os folclores”. Desse segmento, vale destacar

“[...] que a integridade das *Memórias* é feita pela associação íntima por um plano voluntário (a representação dos costumes e cenas do Rio) e um plano talvez na maior parte involuntário (traços semi-folclóricos, manifestados sobretudo no teor dos atos e das peripécias). Como ingrediente, um realismo espontâneo e corriqueiro, mas baseado na intuição da dinâmica social do Brasil na primeira metade do século XIX” (CANDIDO, 1993, p.28-29)

Ao tratar do *Romance documentário*, por sua vez, o autor destaca, através de *Memórias de um Sargento de Milícias*, um aspecto importante a se discutir: a capacidade da obra de literatura em se estabelecer como uma fonte ao trabalho histórico. Candido explica que o romance de caráter realista comunica uma visão da sociedade específica, do qual busca-se traduzir na arte aspectos e significados. É questionável, porém, já que só se pode avaliar a fidelidade dessa representação através da validação por meio de documentos de outro tipo (CANDIDO, 1993, p. 31). Há na

narrativa um recorte de classe, de raça... e aspectos importantes, como a existência da escravidão naquele momento e contexto, podem ser deixados de fora do enredo. A partir disso, Candido, introduz a chamada “*redução estrutural*” dos dados externos. Essa redução estrutural consiste na “função exercida pela realidade social historicamente localizada para constituir a estrutura da obra” (CANDIDO, 1993, p. 32).

A partir da noção colocada de redução estrutural, tem-se em *Romance representativo* a introdução do que pode ser considerado o ponto chave da crítica: a relação dialética entre ordem e desordem. É na tensão oriunda dessa contraposição que se desenvolvem as direções narrativas do enredo – de um lado, o cunho popular com os elementos arquetípicos, e de outro, a representação concreta da sociedade, que intensifica o caráter realista do romance (CANDIDO, 1993, p.46). É nessa dialética que reside o sentido profundo do livro.

“Com efeito, não é a representação dos dados concretos particulares que produz na ficção o senso de realidade; mas sim a sugestão de uma certa generalidade, que olha para os dois lados e dá consistência tanto aos dados particulares do real quanto aos dados particulares do mundo fictício” (CANDIDO, 1993, p.45).

Por fim, em *O mundo sem culpa* o autor traz a atenção ao caráter liberto – sem o peso do erro e do pecado – empregado no universo da narrativa de *Memórias de um Sargento de Milícias*. Caráter esse que contrasta com as demais obras de ficção publicadas na mesma época. Nessa narrativa, os pares antitéticos não são estanques – as personagens desempenham atos reprováveis e louváveis, transitam entre o certo e o errado. O princípio moral do livro reside no balanço entre o bem e o mal, compensados um pelo outro. Assim, aproxima-se mais da vida social espontânea, da realidade. Em síntese:

“O sentido profundo das *Memórias* está ligado ao fato de *não* se enquadrarem em nenhuma das racionalizações ideológicas na literatura brasileira de então (...) este livro exprime a vasta acomodação geral que dissolve os extremos, tira o significado da lei e da ordem, manifesta a penetração recíproca dos grupos, das ideias, das atitudes mais díspares, criando uma espécie de terra-de-ninguém moral, onde a transgressão é apenas um matiz na gama que vem da norma e vai ao crime. Tudo isso porque o livro de Manuel Antônio é talvez o único em nossa literatura do século XIX que não exprime uma visão da classe dominante” (CANDIDO, 1993, p. 51)

2.3. Objetivos do texto

A partir da estruturação do texto e da crítica integradora da obra *Memória de um Sargento de Milícias*, pode-se apontar como o objetivo principal do texto de Antonio Candido a interpretação da subjetividade da realidade brasileira a partir da obra literária em questão, estabelecida a partir da dialética entre ordem e desordem apontada pelo crítico. O senso da realidade, segundo Candido vem da sugestão de certa generalidade, e não de dados concretos da realidade. Generalidade esta que olha tanto para a ordem quanto para a desordem, e que faz essa mediação entre o fictício e o real. A sociedade fictícia da obra não vem diretamente da realidade social do Rio de Janeiro nos anos do Rei, ou seja, a ficção não se construiu diretamente da

realidade, embora pressuponha o real, não depende dele mas sim de princípios mediadores que estruturam a obra, e que seja coerente em ambos, a realidade e a ficção precisam de um mediador e, no caso de *Memórias de um Sargento de Milícias* é a relação dialética entre ordem e desordem que cumpre esse papel.

Tal apontamento é compreensível, tendo em vista que Candido é, além de crítico literário, sociólogo de formação. Essa tensão subjetiva entre ordem e desordem “manifesta concretamente as relações humanas no plano do livro, do qual forma o sistema de referência” (CANDIDO, 1993:36).

“Este traço dá o sentido profundo do livro e do seu balanceio caprichoso entre ordem e desordem. Tudo se arregla então num plano mais significativo que o das normas convencionais [...] a sociedade que formiga nas *Memórias* é sugestiva, não tanto por causa das descrições de festejos ou indicações de usos e lugares; mas porque manifesta num plano mais fundo e eficiente o referido jogo dialético da ordem e da desordem, funcionando como correlativo do que se manifestava na sociedade daquele tempo” (CANDIDO, 1993:44)

Para depreender o objetivo do texto em sua completude, é preciso ter em mente a “redução estrutural” da sociedade presente na obra, realizada por Manuel Antonio de Almeida e compreendida por Candido. Esse método é discutido pelo autor, como previamente apontado, no segmento *Romance documentário*. É preciso destacar que Candido não tem no romance de Manuel Antônio um documento fiel da sociedade retratada no livro, mas compreende que características dessa sociedade se fazem presentes e influenciam essa narrativa. Nessa linha, Candido (1993) coloca:

“[...] é provável que a impressão da realidade comunicada pelo livro não venha essencialmente dos informes, aliás relativamente limitados, sobre a sociedade carioca do tempo do Rei Velho. Decorre de uma visão mais profunda, embora instintiva da função, ou “destino”, das pessoas nessa sociedade; tanto assim que o real adquire plena força quando é parte integrante do ato e componente das situações” (CANDIDO, 1993, p. 35)

Aqui, vale resgatar brevemente a referência de Michel de Certeau (1982), em *A ficção da história*⁷, momento em que analisa o texto ficcional-teórico⁸ *Moisés e o monoteísmo* de Freud. O texto é tido por Certeau como ficcional-teórico porque reside nessa articulação entre história e ficção. Segundo o autor, os esforços de Freud não conseguem preencher a “lacuna da verossimilhança histórica” o que faz com que seu texto fique dividido entre “meio-romance” e “meio-história”. (CERTÉAU, 1982, p. 302). A partir da leitura de Candido (1993), é possível traçar um paralelo entre o livro *Memórias de um Sargento de Milícias* com o romance ficcional-teórico apontado por Certeau (1982) – o romance analisado por Candido certamente reside na

⁷ Presente no livro: CERTÉAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: editora Forense Universitária, 1982.

⁸ Segundo Certeau (1982, p. 300) o texto de Freud “se situa nessa articulação da história com a ficção. Mas a elucidação não escapa ao que a ela explica. Conta como uma ‘fantasia’ o que se produz numa tradição. Esta teoria da ficção é uma ‘ficção teórica’.”

articulação entre história e ficção, de onde se pode depreender as informações da sociedade e dessa *subjetividade brasileira* na narração da trama – empregadas através da redução estrutural –, ainda que não tenha a pretensão de ser um “romance-histórico”. O ponto chave de sua leitura, inclusive, reside nessa dualidade porque, na dialética entre ordem e desordem, Manuel Antônio representa de forma concreta as relações humanas através de seu livro. Aqui, vale citar:

“Como não há motivo para contestar a tradição, segundo a qual a matéria do livro foi dada, ao menos em parte, pelos relatos de um velho sargento de polícia, podemos admitir que o primeiro nível de estabilização consistiu, da parte do romancista, em extrair dos fatos e das pessoas um certo elemento de generalidade, que os aproximou dos paradigmas subjacentes às narrativas folclóricas. [...] a operação inicial do ficcionista teria consistido em reduzir os fatos e os indivíduos a situações e tipos gerais, provavelmente porque o seu caráter popular permitia lançar uma ponte fácil para o universo do folclore, fazendo a tradição anedótica assumir a solidez das tradições populares” (CANDIDO, 1993:28)

A partir desse paralelo, pode-se apontar uma forma com que a literatura se constitui referência à pesquisa histórica. Nessa dualidade meio-romance e meio-história, é preciso captar “a tensão de forças entre a subjetividade do autor e a objetividade do mundo na qual ela existe, e que, em alguma medida, ela também modela” (CASTRO; MELLO, 2020:19). É essa leitura que Certeau faz sobre o texto *Moisés e o monoteísmo* e Freud, e que Candido faz sobre *Memórias de um sargento de milícias* e seu autor, Manuel Antônio de Almeida – identificando, assim, a subjetividade do ser brasileiro empregada na obra. O romance comunica uma visão de sociedade que, ainda que não possa ser considerada essencialmente informativa, nos fornece pistas sobre seu autor e o mundo em que ele e o livro se inseriam. A partir da compreensão da realidade social histórica em que se inseriam autor e livro, é possível entender como a mesma realidade influencia na estrutura da obra.

2.4. Articulação dos argumentos principais

Depreendendo-se como a hipótese do texto “Dialética da malandragem” a interpretação da subjetividade brasileira através da tensão entre ordem e desordem nas *Memórias de um sargento de milícias*, é possível identificar argumentos lançados por Antonio Candido para elucidá-la.

Com o próprio Antonio Candido aponta, é preciso verificar a constituição do romance, que se dá por “veios descontínuos, mas discerníveis” que se organizam de forma a fazer com que a compreensão do leitor seja variável. Estes veios se dividem entre “fatos narrados envolvendo os personagens”, “usos e costumes descritos” e “observações judicativas do narrador e de certos personagens”. Tem-se a melhor compreensão, e portanto uma melhor apreensão da realidade quando o autor do romance os organiza de forma integrada. Mas é quando os elementos não são suficientemente fundidos, “embora interessantes e por vezes encantadores como quadros isolados”, que se tem uma leitura de “documento”. (CANDIDO, 1993:33)

Pode se dizer assim, que Candido trabalha com um jogo de escalas (LEPETIT, 2001) ao analisar, ora a sociedade, ora os personagens do livro. Candido adota escalas interpretativas e

explicativas para construir seus argumentos, o autor olha para os indivíduos, destaca seu “vícios e virtudes” particulares, ao mesmo tempo em que os insere dentro de um circuito coletivo que constrói os polos de ordem e desordem da obra. Embora o livro seja sobre as “memórias de um sargento de milícias”, o que poderia sugerir a ideia de uma “biografia” de Leonardo. Olhando apenas para a dimensão individual poderíamos talvez cair na análise de Leonardo como um malandro, ponto de vista refutado por Candido logo no início (1993, p. 29). O autor vai além da dimensão individual da “história da vida” do personagem (LORIGA, 1996), mas ao mesmo tempo, não se afasta deste indivíduo. Candido olha para as diversas relações sociais que se formam em volta dos indivíduos, trabalhando assim com escalas variadas.

O estrato social abordado no romance já é, *per se*, um indício da dialética ordem-desordem no enredo. Ao trazer à narrativa o enfoque nos homens livres e pobres, deixando de fora os escravos, Manoel Antônio trata de um segmento social cujas perspectivas eram muito restritas. Os indivíduos, portanto, transitavam entre a ordem e a desordem de acordo com os seus quadros particulares, como uma “mediação fundamental”. (XAVIER, 2019:251)

Como fora abordado por Candido (1993:45) e reiterado por Xavier (2019:252), uma ordem maior estabelecida era necessária para que se mantivesse esse estrato social em que se incluíam os homens livre e pobres. Essa ordem já pressupunha o equilíbrio da dialética ordem-desordem, uma vez que compunha a estrutura social mais ampla e fornecia elementos para as mediações. A tensão entre a ordem e a desordem, logo, ainda que não apareça de forma direta, permeia toda a trama narrativa. Candido coloca:

“Ficou o ar de jogo dessa organização bruxuleante fissurada pela anomia que se traduz na dança dos personagens entre lícito e ilícito, sem que possamos afinal dizer o que é um e o que é o outro, porque todos acabam circulando de um para outro com uma naturalidade que lembra o modo de formação das famílias, dos prestígios, das fortunas, das reputações, no Brasil urbano da primeira metade do século XIX” (CANDIDO, 1993:44-45)

É válido destacar ainda que até mesmo as personagens que residem em uma posição de ordem se deslocam à desordem quando o mesmo se faz necessário. O personagem Tenente-Coronel, cujo nome, omitido em função da profissão, permite depreender que se encontra no campo da “ordem”, o único personagem a apresentar remorso “pelo malfeito de seu filho”, e por fazê-lo supõe-se que ele próprio já se considerou deslocado ao campo da desordem, além de ser apontado como “membro da guarda caricata de velhos oficiais que cochilam numa sala do Palácio Real”. O melhor exemplo a esse argumento é o citado Major Vidigal, “a encarnação da ordem”, se deixa levar pela desordem quando lhe surge a oportunidade do benefício particular. (CANDIDO, 1993:41)

Leonardo, no livro, seria, então, a representação desse equilíbrio transitório entre a ordem e a desordem. “Nasce malandro feito, como se se tratasse de uma qualidade essencial” (CANDIDO, 1993:22), mas permanece no plano da ordem, se estabelece através do padrinho que se “arranjou” na vida a partir da desordem, “traindo a palavra dada a um moribundo, roubando aos herdeiros o ouro que o mesmo lhe confiara” (CANDIDO, 1993:44). Candido (1993:37) aponta que os hemisférios da ordem e da desordem funcionam como ímãs que atraem a figura de

Leonardo, demonstrando, assim, que este reside na “ordem” enquanto atende o seu quadro particular, assim como as demais personagens do romance.

Como forma de sintetizar essa discussão, Antonio Candido coloca:

“Pelo que vimos, o princípio moral das *Memórias* parece ser, exatamente como os fatos narrados, uma espécie de balanceio entre o bem e o mal, compensados a cada instante um pelo outro sem jamais aparecerem em estado de inteireza. Decorre a ideia de simetria ou equivalência, que, numa sociedade meio caótica, restabelece incessantemente a posição por assim dizer normal de cada personagem. Os extremos se anulam e a moral dos fatos é tão equilibrada quanto as relações dos homens” (CANDIDO, 1993, p. 48)

Candido usa da sociologia, no sentido de olhar para determinadas estruturas sociais e a partir delas justificar essa falta de condenação ao outro presente no romance. A pesquisa que deveria “apoiar-se no estudo dos condicionantes sociais” e a “ambição de realizar estudos ‘propriamente dialéticos’ sobre textos literários” construídas em *Formação da Literatura Brasileira* (JACKSON, 2009, p. 274) estão presentes em *Memórias de um Sargento de Milícias*, no processo de análise desempenhado por Candido.

Para o autor, sociedades rígidas, têm seus opostos bem definidos, sendo assim, necessário escolher um lado entre o justo e o injusto, o moral e o amoral, por exemplo. Enquanto a “sociedade” do romance, seria para o autor, uma sociedade sem extremos, de moral e relações equilibradas que, ora pendem para um lado, ora para o outro, mas sempre se equilibrando. Essa sociedade pode, ou não, ser a sociedade do tempo do Rei, mas é uma sociedade coerente com o modo de ser dos homens, coerente com o real. A explicação da obra, portanto, vai além da própria obra, Candido exemplifica a estrutura de *Memórias de um sargento de milícias* na sociedade brasileira. E justifica os comportamentos do livro, a sociedade do livro, por meio de nossa cultura, por meio de nossa sociedade, uma sociedade que incorporou outras religiões e raças, e que não se fechou em um ideal social inflexível.

3. Referências

ANTONIO Candido. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378/antonio-candido>>. Acesso em: 09 de Jun. 2020. Verbete da Enciclopédia.

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A longa duração”. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 41-78.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 1933.

_____. **Dialética da malandragem**. In: _____. O discurso e a cidade. São Paulo: Duas cidades, 1933, p. 19-54.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. SILVA, Joana Mello de Carvalho e. **Apartamento-espelho e quarto de despejo: reflexos cruzados entre Clarice Lispector e Carolina de Jesus**. Artigo a ser publicado na Revista Brésil (EHES - Fr).

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: editora Forense Universitária, 1982.

JACKSON, Luiz Carlos. "Antonio Candido: crítica e sociologia da literatura". In: BOTELHO, André. SCHWARCZ, Lilia M.(Org.). **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 268-281.

LEPETIT, Bernard. Arquitetura, Geografia, História: Usos da Escala. In: **Por uma nova história urbana**. (Org. de Heliana Salgueiro). São Paulo: Edusp, 2001, p. 191-226.

LORIGA, Sabina. "A biografia como problema" In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 225-249.

RODRIGUES, Joana de Fátima. **Nas páginas do jornal: Ángel Rama e Antonio Candido: críticos literários na imprensa**. 2011. Tese de doutorado apresentada no programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

XAVIER, Vinicius dos Santos. **Um quê a mais: uma proposta interpretativa da subjetividade brasileira a partir da Dialética da malandragem, de Antonio Candido**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 73, p. 248-266, ago. 2019.